

LEITURAS DE JOVENS DE CAMADAS POPULARES: LETRAMENTOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO CAMPO

Carlos Augusto Novais*

Gilcinei Teodoro Carvalho**

Maria Zélia Versiani Machado***

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados da pesquisa “Letramentos em contextos do campo: práticas escolares e não escolares em comunidades rurais”. A investigação objetiva compreender práticas de leitura e escrita de jovens do campo realizadas na escola e nas suas comunidades. Esta análise considerou dados levantados por meio de questionários aplicados aos alunos de duas Escolas Família Agrícola (EFA), de ensino secundário técnico em agropecuária. Contou-se, ainda, com depoimentos gravados em vídeos, observações *in loco* e registros fotográficos. Em razão do regime de alternância praticado nessas escolas, considerou-se propício o fato de os alunos vivenciarem um projeto pedagógico que preconiza vínculos mais estreitos entre conhecimentos escolares e não escolares. Os dados coletados indicam a heterogeneidade de repertórios de leitura e de escrita nas práticas de letramento na escola e no ambiente familiar e sinalizam ora a presença de uma visão pragmática relativa ao mundo do trabalho, previsto para um contexto de formação em que um conhecimento técnico é exigido, ora a influência de referências culturais e de leituras valorizadas socialmente. Esse hibridismo aponta a maleabilidade das fronteiras, relativizando uma hipótese de caracterização homogênea de práticas de leitura e de escrita vivenciada pelos jovens em contextos rurais.

Palavras-chave: Repertórios de leitura. Letramentos. Escolas do campo. Comunidades rurais.

ABSTRACT

READINGS OF LOW-INCOME YOUTH: SCHOOL AND NON-SCHOOL LITERACY PRACTICES IN RURAL AREAS

This article presents the results of a large-scale research project concerning literacy practices in rural contexts both in school and non-school settings. The research aims to describe and analyze reading and writing practices of rural youth, which take place

* Doutor em Literatura Brasileira. Professor Adjunto III da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço Institucional: Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha. CEP: 31270-901. Belo Horizonte - Minas Gerais. carlosanovais@gmail.com

** Doutor em Linguística. Professor Adjunto III da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço Institucional: Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha. CEP: 31270-901. Belo Horizonte - Minas Gerais. gilcineicarvalho@gmail.com

*** Doutora em Educação. Professora Associada I da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Endereço Institucional: Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha. CEP: 31270-901. Belo Horizonte - Minas Gerais. zelia.versiani@gmail.com

in their schools and their communities. This analysis examines data compiled from questionnaire studies administered to students of two agricultural secondary schools, known as *Escolas Família Agrícola (EFA)*, which grant professional degrees to those seeking to work in the agricultural and livestock sectors. Additional data was culled from recorded video interviews, observations *in loco*, and photographs. Considering the pedagogical system of alternance adopted in these schools, the analysis took advantage of this methodological approach, which seeks to strengthen the bond between literacy practices that take place within and outside of school. The data collected indicates the heterogeneous nature of the reading and writing repertoires in the literacy practices carried out at school and at home. It also signals either the presence of a pragmatic view vis-a-vis the job market, shaped by a learning context in which technical knowledge is stressed, or the influence of cultural references and socially valued readings. This hybridism reveals how flexible borders can be, while relativizing the usual hypothesis that characterizes the literacy practices of young people in rural areas as homogeneous.

Keywords: Reading repertoires. Literacies. Rural schools. Rural communities.

RESUMEN

LECTURAS DE JÓVENES DE CLASES POPULARES: ALFABETIZACIONES ESCOLARES Y NO ESCOLARES EN EL CAMPO

Este trabajo presenta resultados de la investigación “alfabetizaciones en contextos del campo: prácticas escolares y no escolares en comunidades rurales”. La investigación tiene como objetivo comprender prácticas de lectura y escritura de jóvenes del campo, realizadas en la escuela y en sus comunidades. Este análisis consideró datos obtenidos por medio de cuestionarios aplicados a los alumnos de dos escuelas: *Escuelas Familia Agrícola – EFA* y *Escuela de Enseñanza Secundaria Técnica en Agropecuaria*. Se contó con declaraciones grabadas en videos, observaciones *in loco* y registros fotográficos. En función del régimen de alternancia practicado en esas escuelas, se consideró propicia la vivencia de los alumnos en un proyecto pedagógico que fomentara vínculos más cercanos entre conocimientos escolares y no escolares. Los datos recolectados señalan la heterogeneidad de compilaciones de lectura y de escritura en las prácticas de alfabetización en la escuela y en el ambiente familiar. Además, demuestran la presencia de una visión pragmática relativa al mundo laboral, previsto para un contexto de formación en que el conocimiento técnico es exigido y también la influencia de referencias culturales y de lecturas valoradas socialmente. Ese hibridismo revela la maleabilidad de las fronteras, relativizando una hipótesis de caracterización homogénea de prácticas de lectura y de escritura vivida por los jóvenes en contextos rurales.

Palabras clave: Compilaciones de lectura. Alfabetización. Escuelas del campo. Comunidades rurales.

Introdução

As práticas de leitura e de escrita no meio rural geralmente são avaliadas a partir de concepções

que situam esse espaço geográfico como lugar de ausências e carências, principalmente quando comparadas com áreas urbanas em que são mais visíveis os artefatos da escrita, principalmente a partir da

escola, com sua forte presença institucional.¹ Essa concepção, resultado de uma visão dicotômica entre o rural e o urbano, é, em grande parte, fruto de um desconhecimento da cultura escrita presente nos contextos do campo, especialmente quando se esperam apenas as práticas de leitura e de escrita escolarmente valorizadas na cidade, ignorando-se o universo variado de esferas da vida cotidiana e algumas especificidades das escolas do campo. Segundo essa concepção simplista e urbanocêntrica da cultura escrita, as práticas de leitura e de escrita em contextos rurais, além das limitações da sua presença, seriam marcadas por uma visão redutora sobre as escolas do campo e por um senso utilitarista voltado exclusivamente para o mundo do trabalho ou, quando muito, para as práticas religiosas, muitas vezes subvalorizadas. Pesquisas indicam (PETIT, 1993) que há diversos componentes de transgressão nas práticas de leitura identificadas nesses espaços, de modo que a comunidade desses leitores também pode ser caracterizada sob o signo da heterogeneidade, constatada não só pelos diversos materiais e formas de leitura, como principalmente pela pluralidade de objetivos projetados nessas atividades. Evidentemente, também nesses contextos, as práticas escolares vão exercer forte influência, dando muitas vezes um contorno mais homogêneo para o mundo da leitura, especialmente para a definição de práticas socialmente valorizadas.

Observar e analisar as práticas de letramento que ocorrem no interior das escolas do campo pesquisadas tem como orientação pensá-las na sua relação com os usos da leitura e da escrita ligados, muitas vezes, a outras instituições sociais nas comunidades de origem desses estudantes. Os diferentes letramentos que se apresentam incluem práticas de leitura e escrita diversificadas, e também da oralidade perpassadas pela cultura escrita, somando-se ainda os letramentos audiovisuais e digitais. Essa ampliação das potencialidades de uso já seria suficiente para questionar o lugar de ausência da cultura escrita nos contextos rurais, principalmente se se considera o uso de mídias contemporâneas que demandam uma apropriação de procedimentos de leitura e de escrita, como é o caso dos celulares e da internet, cada vez mais

popularizados entre os jovens do campo. Essa variação de usos e de funções da escrita colabora para tornar complexa a tarefa de definir as fronteiras de uma comunidade de usuários, já que as redes sociais não são definidas apenas pelas fronteiras de uma delimitação geográfica. Assim, sabemos dos riscos que são projetados quando ambicionamos capturar traços objetivos e definir categorias que sejam aplicáveis ao conceito de comunidade (COHEN, 1985), particularmente no caso das comunidades rurais em que há uma tendência inicial a caracterizá-las segundo um viés homogeneizante.

Na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento (STREET, 2012) o conceito de comunidade assume uma dimensão de extrema importância. Essa teoria pressupõe um “modelo” de letramento que procura dar conta da complexidade do conjunto de interações de indivíduos que compartilham, em variadas esferas de atividades, expectativas, princípios, comportamentos éticos e estéticos, enfim, valores simbólicos relativamente comuns.

Em nossa pesquisa, esse conceito está associado a regiões localizadas no meio rural, pertencentes a um município sede, identificadas, inclusive, por topônimos próprios, às quais estão vinculados os alunos das escolas tomadas como referência para os nossos estudos. Em suas múltiplas dimensões, interessaram-nos, no âmbito das práticas de letramento, as tecnologias da escrita e da leitura adotadas, os meios de comunicação, as variadas formas de produção e distribuição das informações utilizadas, os processos de legitimação da escrita e seus usos sociais, bem como as referências culturais e ideológicas presentes em tais comunidades. Por essa razão, o conceito de escrita adotado na pesquisa se expande para além de suportes impressos tradicionais, incorporando várias práticas que estão presentes em diversos espaços: nas escolas, nos domicílios, nos centros comunitários etc.

As diferentes práticas sociais de leitura e de escrita foram focalizadas a partir de visitas a duas Escolas Família Agrícola (EFA), no decorrer dos anos de 2012 e 2013, quando foram aplicados questionários a jovens que aderiram à proposta, gravados depoimentos e realizadas entrevistas com diretores, monitores e professores das escolas.²

1 Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

2 Participam da equipe de pesquisadores, além dos autores deste texto, a doutoranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade

Metodologia

A pesquisa objetivou produzir uma visão aproximativa das práticas de letramento que se desenvolvem no campo, tendo como ponto de partida algumas instituições ofertantes da modalidade de ensino identificada com a Educação do Campo, as EFAs, e comunidades a elas vinculadas que, de maneira direta ou indireta, mantêm vínculos com o curso de Licenciatura em Educação do Campo,³ ministrado na Faculdade de Educação da UFMG.

As instituições selecionadas não são o centro da pesquisa, mas o local onde se viabilizou o contato com o grupo de jovens de diferentes comunidades do campo. Essas instituições foram, portanto, aquelas identificadas com realidades vivenciadas por alunos que hoje frequentam a UFMG e se formam como educadores para atuarem nas escolas do campo. A escolha dessas escolas teve como objetivo considerá-las como portas de entrada para a identificação dos sujeitos da pesquisa. Posteriormente, a meta a ser atingida é a visita a algumas comunidades rurais onde esses jovens residem. Assim, a partir da escola, foi possível o contato não só com os estudantes, mas também com monitores, professores e coordenadores, para, em outra etapa da pesquisa, chegar a algumas comunidades dos estudantes ali reunidos. A escolha de instituições escolares como forma de aproximação dos sujeitos que nos apresentariam as comunidades rurais justificou-se pela grande dispersão territorial do estado de Minas Gerais (586.528km²) e pelo desejo, já anunciado, de se confrontar práticas escolares e não escolares de leitura e escrita.

Em 2012 e 2013, foram realizadas visitas a duas EFAs de dois municípios do estado: um, de nome Acaiaca, situado na Zona da Mata, mesorregião central do estado, que, no censo de 2010 do IBGE (2011), possuía 3.920 habitantes; e outro, São Francisco, localizado no norte de Minas Gerais, com 53.828 habitantes, também segundo os dados do IBGE/2010.

de Educação da UFMG, Ana Paula da Silva Rodrigues, e a bolsista de Iniciação Científica Daniela Patrícia Carvalho.

3 A proposta do curso de Educação do Campo tem como programa de formação docente a articulação dos saberes da experiência com os saberes produzidos nas diferentes áreas do conhecimento científico, no intuito de preparar educadores para uma atuação profissional que preveja práticas mais situadas.

A EFA situada na região central do Estado – Escola Família Agrícola Paulo Freire – foi criada por iniciativa de lideranças religiosas, ligadas às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e agricultores. A EFA situada na região norte – Escola Família Agrícola Tabocal – também contou com o apoio de projeto desenvolvido por entidade religiosa e contínuas ações políticas de lideranças comunitárias do campo e de agricultores, pais dos futuros alunos da escola.

A primeira conta com a participação, no caso das turmas pesquisadas, de estudantes oriundos de 17 comunidades; a segunda, de 37. Algumas dessas comunidades estão situadas fora dos limites do município em que estão instaladas as referidas escolas, ampliando, assim, a sua zona de atuação.

Nessas escolas há a aplicação de uma Pedagogia da Alternância, em que os alunos, em regime de internato, passam um período de quinze dias na escola e, depois, retornam às suas comunidades de origem onde, também por um período de quinze dias, desenvolvem trabalhos e projetos nas pequenas propriedades familiares ou nas comunidades.

Para a obtenção de dados e informações na visita a essas escolas, além das observações *in loco*, foram utilizados, nesta fase da pesquisa analisada, alguns instrumentos de coleta, como questionários, entrevistas e registros fotográficos e em vídeo. O uso desses registros permitiu a composição de um olhar mais abrangente da escrita na escola, possibilitando a captação de elementos que ajudaram a compreender a natureza das práticas de letramento, sinalizadas nas entrevistas e questionários.

As visitas foram agendadas nos períodos em que estudantes de segundo e terceiro anos do Ensino Médio – a organização da alternância prevê que os alunos do primeiro ano estejam na escola separadamente dos alunos dos anos subsequentes – estivessem presentes nas instituições de ensino, considerando o calendário de alternância escola/comunidade.

Durante as visitas, no decorrer das atividades de observação participante, foram realizadas entrevistas iniciais semiestruturadas com diretores, coordenadores, professores, monitores, alunos e demais membros da comunidade escolar para que se configurasse um quadro abrangente dos sujeitos da escola e suas práticas letradas. A observação

considerou a imersão nas escolas com o envolvimento em atividades que compõem a rotina de uma EFA, como a apresentação de projetos desenvolvidos pelos alunos, a realização de visitas guiadas nos espaços de formação, o contato com materiais didáticos utilizados no processo de ensino/aprendizagem, a participação em práticas culturais próprias dessa proposta escolar.

As entrevistas, juntamente com os registros fotográficos e em vídeo de cartazes, livros, cadernos, comunicados, murais, ajudaram a compor uma cartografia do imaginário textual dessas escolas e de algumas comunidades a elas associadas, pontuando referências culturais e temáticas mais recorrentes e as possíveis contribuições que o contato com essa cultura teve para a constituição de práticas de letramento situadas.

Estudos sociológicos sobre a leitura têm, já há alguns anos, apontado dificuldades metodológicas enfrentadas por pesquisas nessa área. Donnat (2004), com base no contexto francês, aponta a incerteza que pesa sobre a definição e sobre a percepção dos atos de leitura, e apresenta três dessas dificuldades. A primeira delas diz respeito à diferença entre práticas reais e práticas declaradas, pois pesquisas acabam por revelar que, muitas vezes, as pessoas tendem a subestimar suas próprias práticas culturais; a segunda dificuldade encontra-se no propósito de se medir a quantidade de leitura, por meio da pergunta “Quantos livros você leu?”, para a qual é difícil uma resposta objetiva; e, por fim, a terceira relativa à classificação dos gêneros sempre atravessada por julgamentos de valor (DONNAT, 2004).

Quanto aos questionários, embora cientes das particularidades do instrumento no que tange a pesquisas sobre leitura, em que se colocam os diversos fatores que podem falsear o que se declara em situações de pesquisa, considerou-se, neste trabalho, a existência de recorrências⁴ nas respostas objetivas, que podem revelar valores e relações que importam mais do que a veracidade das informações. Valores e relações que perpassam

a cultura escrita em contextos de letramento, cujos resultados vêm sendo cruzados com outros instrumentos de coleta, como depoimentos filmados e observações presenciais e registros fotográficos. Considera-se ainda que, na atualidade, os jovens não conferem à leitura valor de distinção, o que pode favorecer uma aproximação entre aquilo que declaram e as práticas de leitura que realizam de fato. A interpretação desses dados reveste-se de grande importância, na medida em que eles indiciam novos caminhos para a pesquisa. No total, considerando as turmas de segundo e terceiro anos das duas instituições de ensino pesquisadas, foram respondidos 78 questionários.

Aqui, abrimos um parêntese para explicar o estágio metodológico atual da pesquisa. No momento, após a aplicação dos questionários, vem sendo adotado o que estamos chamando de Diário de Registro de Atividades que acompanha, em certa medida, o que Jones, Martin-Jones e Bhatt (2012) denominam de Diário de participante. Esse Diário é preenchido por cada aluno, tanto nos períodos em que permanece na escola, quanto nos que atua em sua comunidade. O conjunto dos Diários também ajudará a aprofundar as informações até aqui obtidas pelos questionários e será objeto de análises futuras. No Diário, os alunos vêm anotando, de maneira particular, as atividades que julgam relevantes, associadas às suas diversas esferas de atuação, no trabalho, no seio familiar, no lazer, na vida religiosa, na vida afetiva, nas diferentes formas de sociabilidade, inclusive na internet, entre outras.

É importante registrar que a participação dos alunos nas diversas etapas da pesquisa realiza-se por adesão, com a devida assinatura de termo de consentimento, como recomendam os princípios da ética da pesquisa. Na condição de colaboradores, os estudantes foram previamente informados sobre as condições gerais de participação e sobre os objetivos estritamente acadêmicos do uso das informações coletadas.

Discussão dos resultados

As questões selecionadas para esta análise focalizam práticas de leitura e escrita desses jovens na escola e nas comunidades, com destaque para:

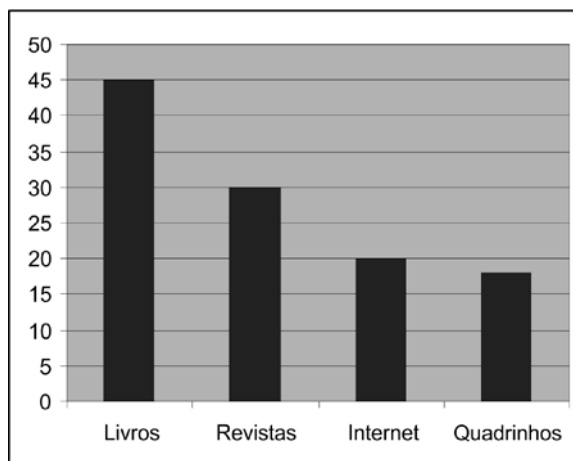
4 A presença de respostas idênticas ou aproximadas serviu como um indicio objetivo para permitir, por um lado, a identificação de repertórios comuns ou de argumentos afins e, por outro lado, a emergência de algumas categorias de análise. Assim, por exemplo, a citação de um mesmo livro, a indicação de objetivos similares de leitura ou de escrita podem apontar esferas de uso que demonstram crenças e valores depositadas nas práticas de letramento.

1) o que se declara sobre as leituras realizadas por eles nas comunidades; 2) a frequência da leitura de livros; 3) a identificação do nome do último livro lido; 4) a identificação de familiares que têm o hábito de ler; 5) a identificação de textos que

circulam nas comunidades dos estudantes; 6) e um último aspecto que diz respeito à escrita em resposta à questão: “Em casa você escreve em que situações?”.

O Gráfico 1 aborda a primeira questão.

Gráfico 1 – Os materiais de leitura



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

Quando questionados sobre leituras realizadas, podendo-se assinalar mais de uma opção, o maior número de respostas indicou a leitura de livros (45), seguida pela de revistas (30), textos da internet (20) e, por fim, quadrinhos (18). O que se observa inicialmente no resultado obtido é o fato de todos os suportes ou portadores textuais apontados nas opções terem sido assinalados e não haver entre eles significativas discrepâncias. Justifica-se, assim, a maior incidência de leitura de livros, seguida pela de revistas. No primeiro caso, deve-se levar em conta o que geralmente se legitima como leitura em uma escala de valores social e historicamente reconhecida, e o livro se sobressai quanto a essa legitimidade. Destaca-se, também, a presença significativa da leitura de textos da internet, o que a princípio pode surpreender pelo fato de as comunidades rurais não favorecerem tão amplamente o acesso à rede mundial de computadores. Independentemente disso, os estudantes usam o computador para outras leituras e atividades mediadas pela escrita. O resultado sinaliza a situação de hibridismo cultural e tecnológico que caracteriza as práticas de letramento, mesmo em locais onde ainda não se instalaram condições mais favoráveis a esses usos. Beatriz Sarlo (2004, p. 102), para

quem o acesso aos meios de comunicação não corresponderia a uma igualdade simbólica, a esse respeito afirma:

Hoje, a cidade está presente no mundo rural não somente na ocasião da visita de um caudilho, um padre ou um mercador de folhetins, mas sempre e sincronicamente: o tempo da cidade e o do espaço campestre, antes separados por distâncias semanalmente reduzidas pela estrada de ferro, os jornais e os livros, agora são tempos sincronizados.

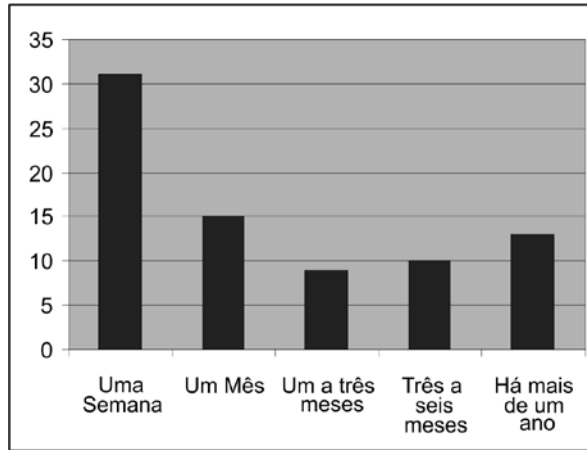
A condição de insularidade no estudo das comunidades tradicionais não se sustenta, sobretudo quando se tem em foco as apropriações culturais mediadas pela leitura e pela escrita focalizadas neste trabalho. Pesquisas têm revelado que, em época na qual o livro encontra-se lado a lado com outros suportes, o fluxo das hibridizações materiais (CANCLINI, 2008) vem transformando os sentidos da leitura e os desejos dos leitores, principalmente dos leitores jovens, nativos digitais. Embora esses jovens ainda não tenham acesso pleno à internet, alguns já fazem uso dela quando vão à cidade, já têm celulares, computadores, enfim, já convivem com outras formas de leitura e de sociabilidade da escrita em outros suportes. Seria interessante repensar, portanto, a ideia de insularidade cultural

(BURKE, 2009), quando se revelam, nos interesses dos leitores que vivem no campo, sentidos contemporâneos da leitura que se aproximam dos daqueles

jovens que vivem nas cidades.

O Gráfico 2 apresenta a frequência da leitura de livros.

Gráfico 2 – Frequência de leitura



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

A questão sobre a frequência da leitura é relevante pelo fato de sinalizar um evento rotineiro ou não das práticas de letramento. Levados a se pronunciar sobre esta questão, os jovens acabam por mobilizar representações sobre os significados sociais da leitura.

Sobre o último livro lido, a maior parte dos jovens assinalou ter realizado a leitura há uma semana (31) ou há um mês (15), que somados correspondem a pouco mais da metade do total de questionários respondidos. A menor frequência da leitura de livros desenha um quadro equilibrado – um e três meses ou três a seis meses – em

quantidade aproximada (09 e 10 indicações respectivamente). No entanto, da análise em que se constata com relativo otimismo quanto à frequência da leitura de livros pelos jovens, numa perspectiva mais qualitativa, quando se solicita o nome do livro lido, emergem elementos que contrariam, em alguns casos, o que se declara objetivamente a esse respeito. Foi possível perceber, dessa forma, disposições diferenciadas dos jovens quando na indicação mais explícita das leituras realizadas.

A Tabela 1, a seguir, sintetiza os dados sobre o repertório de leitura informado.

Quadro 1 – Identificação de repertórios

UNIVERSO PROFISSIONALIZANTE	Títulos que sinalizam temáticas emergentes de um contexto de ação e nomeações que reconhecem o lugar técnico de um saber de natureza mais científica.
UNIVERSO ESCOLAR	Nomes de disciplinas ou de obras didáticas ligadas ao curso da especialização técnica dos alunos.
UNIVERSO LITERÁRIO	Referências a livros, autores tomados como a obra e gêneros literários que resumem interesses abrangentes.
UNIVERSO RELIGIOSO	Expressões diversas para designar a dimensão religiosa nas práticas de letramento, que abarcam do mais específico ao mais genérico.

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

No questionário, não houve um direcionamento quanto à especificidade do livro lido que deveria ser indicado, que fizesse supor uma determinação quanto ao tipo de leitura esperado. Não havia, assim, orientações que fizessem supor que o universo das indicações se limitasse aos bens simbólicos da arte, ou seja, da literatura, diante da pura e simples solicitação de nomeação do último livro que foi lido. Diante dessas condições dadas pelo instrumento e seus objetivos, o uso do termo disposições denota o conjunto de condições culturais e escolares que dão sustentação para as escolhas apontadas nos questionários. As respostas relativas a livros literários – que correspondem à maior parte delas, como se verá a seguir – indicam os bens simbólicos e seus processos de legitimação cultural implícitos.

As indicações apontam diferentes disposições, entendidas aqui, vale repetir, em sentido amplo, como condições de percursos de um grupo de jovens, em contexto de ensino secundário de forte viés profissionalizante, conforme o projeto pedagógico presente nas EFAs. Destacam-se, assim, disposições profissionalizantes, identificadas por títulos que sinalizam temáticas emergentes de um contexto de ação e também por nomeações institucionais que reconhecem o lugar técnico de um saber de natureza mais científica: Sementes transgênicas, Suinocultura, Bovinocultura leiteira, Manejo e colheita de café, Cruzamento de red angus e nelore, Técnicas para instalação do PAIS, Bovinocultura, Manual de constituição e administração de empresas juniores, Sobre galinhas caipiras e seu manejo (corte), Livro de piscicultura, Criação de suínos ao ar livre, Livros relacionados a florestas e agropecuária, Livro Embrapa – como cultivar bananeira, YOUGET, Biblioteca do líder e criação de aves, Zootecnia suinocultura.

Além desse universo temático relacionado a uma formação técnica prevista pela natureza da escolarização praticada na instituição, há outras indicações que ressaltam mais claramente esse universo escolar, destacando-se nomes de disciplinas ou de obras didáticas: Ciências da Natureza, Livros didáticos, Revistas de vestibular, Didáticos, Língua, literatura e redação, Língua Portuguesa, Geografia, Comunicação e Linguagem, Livro didático de ciências.

As indicações literárias aparecem em maior número: O corcel negro e o Flautista de Hamelin, O Código da Vinci e Mangás, O guarani – 05 [um deles citou o autor: José de Alencar], Machado de Assis, O pagador de promessas, Livro dos sonhos, Açúcar amargo Edição [sic] Vagalume, Dois irmãos, O príncipe feliz, Eclipse, A promessa, Canto em canto, A história de Monteiro Lobato, Amanhecer, Dom Quixote, A casa – André Ramos, Código da Vinci, O menino maluquinho, O triste fim de Policarpo Quaresma – 03, Triste fim de Policarpo [sic], O monstro, Comédia e romance.

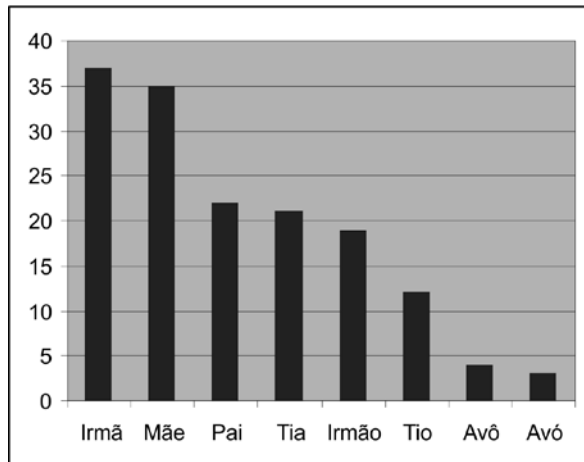
Obras religiosas, embora em menor número, também constam na listagem declarada nos questionários: Religioso, A bíblia, Bíblia, A história da Bíblia, Um livro religioso. Outras que reúnem obra de referência (enciclopédia), suportes ou gêneros variados que fogem ao que havia sido solicitado (revistas sobre futebol, reportagem de jornal) e livros que pelo título fazem supor uma filiação em vertente denominada “autoajuda” (Nota 10 e Todos podem ter sucesso).

As leituras literárias indicam diferentes relações com o universo da literatura, e do que se concebe como literatura, ainda mais em uma situação de aplicação de questionário, em que se projetam expectativas as mais variadas. Foram citados livros que fazem parte de repertórios distintos e facilmente identificáveis: 1) livros da literatura infantil e juvenil que surgem como memória de leituras, possivelmente não realizadas recentemente (O menino maluquinho, O flautista de Hamelin, O príncipe feliz, Açúcar amargo, A história de Monteiro Lobato – com certeza, neste caso, o jovem se refere a “uma” história qualquer desse autor, escolha certa no reconhecimento e na legitimidade escolar e social do escritor); 2) livros dos circuitos do mercado editorial mais contemporâneo, voltados para jovens e adultos (Amanhecer, Eclipse, O código da Vinci); 3) livros que supostamente foram indicados por exames vestibulares, daí citados por vários alunos (O triste fim de Policarpo Quaresma, O guarani, O pagador de promessas); 4) clássicos da literatura (Dom Quixote, Machado de Assis – neste caso o nome do autor assume a dimensão de obra, o que sinaliza o compartilhamento de reconhecimento inquestionável da escolha. No cruzamento de da-

dos do questionário, verificou-se que o jovem que cita Machado de Assis como “obra lida”, em outra questão, refere-se à existência de uma biblioteca na sua comunidade, o que pode explicar esta escolha na situação de questionário.); 5) livros ou gêneros que não puderam ser categorizados.

O Gráfico 3 indica os hábitos de leitura familiares.

Gráfico 3 – Comunidades de leitores



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

Em resposta à questão sobre os hábitos de leitura de familiares, sobressai a figura feminina: a irmã (37) e a mãe (35). Depois aparecem as indicações organizadas em ordem decrescente, segundo o número de marcações: do pai (22), da tia (21), do irmão (19), do tio (12), do avô (04) e da avó (03). Houve também ocorrências de “outros”, em que dois jovens afirmaram “ninguém além de mim” (02); primos (01); namorada (01).

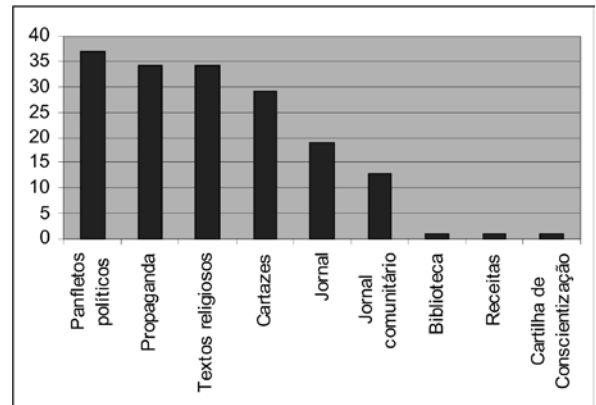
Esses dados ratificam pesquisas recentes sobre leitura como a *Retratos da leitura no Brasil*⁵ (FAILLA, 2012) que têm mostrado a forte influência do papel da figura feminina na formação de leitores. Bernard Lahire (1994), na observação e análise de práticas de leitura e escrita em contextos familiares, constata esta influência, por serem, geralmente, as mulheres as pessoas encarregadas da

5 A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3*, que tem por principal objetivo avaliar o comportamento do leitor brasileiro, coordenada pelo Instituto Pró-Livro, em sua terceira edição, 2011, revela que, depois das professoras, as mães mais influenciam ou influenciaram as leituras dos entrevistados.

educação das crianças. Os esforços das mulheres, segundo o autor, produziriam efeitos positivos sobre a escolaridade dos filhos.

O Gráfico 4 sinaliza os variados tipos de textos presentes nas comunidades dos alunos respondentes.

Gráfico 4 – Textos circulantes nas comunidades



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

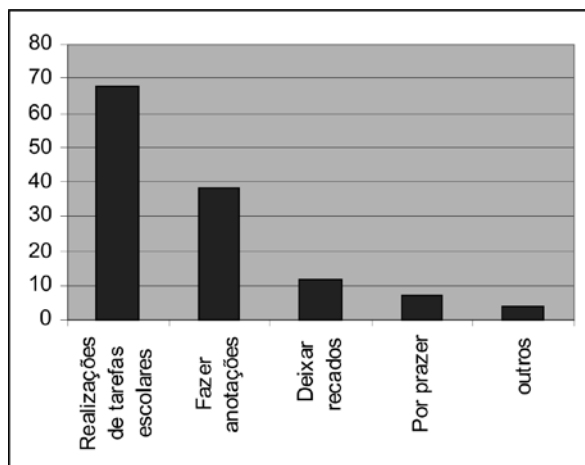
Sobre os textos que circulam nas comunidades, os estudantes destacam a indicação de panfletos políticos (37), gênero textual seguido por dois outros que obtiveram empate no número de indicações: folheto de propaganda (34) e textos religiosos (34). Em menor número, foram assinalados: cartazes (29); jornal (19); e, por fim, jornal comunitário (13). Alguns jovens indicaram também a opção “outros” com as seguintes complementações: “Há uma biblioteca na comunidade” (01); receitas (01); cartilhas de conscientização (01).

Nota-se, nas respostas, a predominância de suportes e gêneros textuais impressos, sob a forma de volante, *flyer* ou cartaz, caracterizados pela brevidade, objetividade e concisão, que circulam de mão em mão ou são afixados em espaços coletivos da comunidade como igreja, posto de saúde, centro comunitário ou estabelecimento comercial. A menção à existência de uma biblioteca, a princípio surpreendente, na verdade, posteriormente foi possível verificar, refere-se a um programa do Ministério do Desenvolvimento Agrário, denominado Arca das Letras, que doa uma pequena estante com cerca de duzentos livros para comunidades do campo que fazem adesão ao projeto. Incluem-se

em textos religiosos a bíblia e outros impressos religiosos utilizados em catequeses e em cultos das igrejas das comunidades dos alunos.

A seguir, o Gráfico 5 traz os dados relativos às práticas de escrita mencionadas pelos alunos.

Gráfico 5 – Práticas de escrita



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

A última questão é aquela relativa a situações de práticas de escrita pelos jovens nas comunidades. Neste caso, constata-se o destaque da resposta “para a realização de atividades escolares” (68). Em seguida, aparece “para fazer anotações” (38); “por prazer” (07); e, por fim, “para deixar recados” (12). As ocorrências de “outros” sugerem atividades típicas dos alunos em suas atividades profissionais: “Para fazer registro de leitões” (01); “Desenvolvo um projeto de horticultura na minha propriedade, aí anoto as recomendações” (01); “Quando estou triste ou feliz. Na verdade, é sempre.” (01); “Projetos desenvolvidos por mim em experiência própria” (01).

Essas respostas ecoam, de certa forma, as informações apresentadas pelo Gráfico 4, “Textos circulantes na comunidade”, e os comentários associados à Tabela 1 identificada como indicadora dos repertórios de leitura dos respondentes. Pelos dados que deram origem à Tabela 1, constata-se, por exemplo, que as obras literárias, supostamente associadas, em nossa cultura, a uma atividade prazerosa, acabam por apresentar-se mais como uma tarefa estudantil, ao ser vinculada à instituição escolar (obras clássicas, autores canônicos, livros indicados em vestibulares). Este viés didatizante

da literatura, fruto, talvez, de uma escolarização inadequada, aliado às características dos textos que mais circulam nas comunidades, com nítido destaque para os de natureza informativa (panfletos, propagandas, jornais etc.), ajudam a compreender o baixo índice da escrita “por prazer”.

Já o alto índice das respostas relacionadas às tarefas escolares certamente nos remetem ao contexto de vida dos respondentes, alunos das EFAs, com obrigações, em suas comunidades, associadas aos seus planos de estudos. Quanto às respostas “fazer anotações” e “deixar recados”, lidas em conjunto, demonstram a forte marca da natureza prática da escrita em seus cotidianos.

Considerações finais

Os questionários analisados apontam a pluralidade do que se declara sobre as leituras pessoais de jovens que se encontram no ensino secundário, etapa decisiva de suas vidas em razão da natureza profissionalizante nas instituições pesquisadas. As respostas evidenciam não só diferentes posicionamentos sobre as funções projetadas para as práticas de leitura, como também diferentes relações estabelecidas com o universo da cultura escrita. Embora tenha sido dada abertura durante a aplicação dos questionários, não se pode deixar de avaliar as projeções de diversas naturezas que levam os alunos a indicarem categorias que transitam em diferentes esferas da vida social. Nota-se, assim, a presença de pistas para uma interpretação que sinaliza um forte investimento, de um lado, nas leituras para a profissão, relacionadas a uma formação técnica para a realização de atividades tipicamente rurais; por outro, percebe-se um conhecimento tácito que repercute uma rede de valores das escritas escolares e literárias. As análises das respostas dos estudantes ao questionário confirmam o que tem sido observado em outros países acerca da leitura por jovens, como afirma Lahire (2006, p. 516) no seu extenso estudo sociológico sobre a leitura e outras práticas culturais A cultura dos indivíduos: “É entre as populações mais jovens que se observam melhor as novas tendências à mistura de gêneros legítimos e ilegítimos. Pois os adolescentes e pós-adolescentes cresceram em um novo estado de oferta cultural

[...] caracterizado particularmente por uma forte presença das mídias audiovisuais”.

As próximas etapas deste estudo preveem a pesquisa de campo em algumas comunidades rurais selecionadas a partir dos depoimentos já registrados e dos questionários aplicados, para a construção de uma cartografia de práticas de letramento nessas

comunidades do campo que, geograficamente, são representativas dos espaços de origem dos alunos. Estão previstas ações de ampliação do escopo inicial da pesquisa, de modo a ter um quadro mais abrangente do estado de Minas Gerais, marcado por uma grande diversidade socioeconômica entre as regiões.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.
- COHEN, Anthony P. **The symbolic construction of community**. London: Routledge, 1985.
- DONNAT, Olivier. Encuestas sobre los comportamientos de lectura. Cuestiones de método. In: LAHIRE, Bernard (Org.). **Sociología de la lectura: del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria**. Barcelona: Gedisa, 2004. p. 59-84.
- FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Instituto Pró-Livro/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 31 mar. 2015.
- JONES, Kathryn; MARTIN-JONES, Marilyn; BHATT, Arvind. A construção de uma abordagem crítica, dialógica para a pesquisa sobre o letramento multilíngue: diários de participantes e entrevistas. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 111-158.
- LAHIRE, Bernard. Les raisons de l'improbable: les formes populaires de la 'réussite' dans l'école élémentaire. In: VINCENT, G (Org.). **L'éducation prisonnière de la forme scolaire?** Lyon: PUL, 1994. p. 73-106.
- _____. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PETIT, Michèle. Tours et détours des lecteurs dans la France rurale: des façons de lire partagées? In: LADEFROUX, R.; PETIT, M.; GARDIEN, C-M. **Lecteurs en campagnes**. Paris: BPI, 1993. p. 109-203.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92.

Recebido em: 03.11.2014

Aprovado em: 04.04.2015